

FILOSOFIA E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA EM ANTERO DO QUENTAL*

Nelson Saldanha
UFPE

Acesso panorâmico à obra de Antero

* Conferência pronunciada no Centro de Artes da UFPE e também, com variantes, na Fundação Joaquim Nabuco, Recife, em setembro de 1991, nas comemorações do Centenário.

A ocorrência do Centenário da morte de Antero do Quental, em Ponta Delgada, a 11 de setembro de 1891, vem ensejando várias revisões de sua obra. Acentuam-se nestas revisões as linhas dramáticas de sua biografia e também as dimensões de seu talento — linhas e dimensões que a crítica e a historiografia não deixaram de mencionar durante todos estes agitados cem anos.

Antes, entretanto, de enfocar a figura de Antero (e aqui me permito escrever-lhe o nome ao menos uma vez com *h*), parece necessário que se encare o seu tempo. Que se o situe em sua geração e em seu século, este às vezes injustiçado século XIX, que alguns têm rotulado de "cinzento" e de "burguês", quando na verdade foi um grande e intenso cadinho de experimentos, de informações e de idéias¹. Durante o século XIX, o processo de secularização atravessou as ambigüidades do romantismo: a metafísica entrou em crise, criaram-se as ciências sociais, as ciências naturais se ampliaram. O racionalismo iluminista se fez

Todas as notas encontram-se no final do texto.

cientificismo. Os novos padrões intelectuais e institucionais, correspondendo a uma transição do conceito de “progresso” ao de “evolução”, configuraram uma espécie de condenação do passado, isto é, do que fosse anterior à revolução industrial, ao Estado de direito e à democracia.

Em Portugal, como em outras partes do orbe europeu (inclusive a Espanha), aqueles padrões demoraram a penetrar, persistindo em grande parte uma cultura de cunho escolástico, apesar de expressões como a obra de Verney, que tentara implantar no mundo cultural luso as concepções culturais e pedagógicas do racionalismo.

A geração que antecede à de Antero do Quental foi como que uma transição entre os velhos moldes (os velhos muros de Coimbra evocados por Eça) e as novidades que começavam a aparecer. Foi a geração de Herculano, Garrett e Castilho, e também a de figuras como Amorim Viana, grande matemático².

Utilizo, evidentemente, o termo geração em sentido amplo. Um dos primeiros autores que trataram sistematicamente do problema das gerações, Wilhelm Pinder, mencionava “caracteres epocais”, observando que o fato de pertencer a uma geração agrupa os artistas. Pinder, por outro lado, aludia à distinção entre o coetâneo e o contemporâneo (aquele incluído neste) e falava em um “ritmo das épocas”³. Certamente que se pode estender a idéia aos intelectuais em geral, não só aos *artistas*, e assim perceber esta mescla de diferenciações e interpenetrações que forma as camadas cronológicas de cada época cultural, algo como um estrato geológico.

Sobre a geração de Antero, Fidelino de Figueiredo já se referiu à força “aliciadora” que a caracterizou, e que fazia, segundo ele, com que figuras mais velhas e outras mais novas aderissem a ela⁴. Talvez isso tenha decorrido — é só uma hipótese que avento — da *consciência histórica* que aquela geração possuiu, e da qual o poeta das “Odes Modernas” foi tão marcante expressão. Uma geração que aparece como um grupo impressionante: não só o grupo agônico e pentagonal dos “Vencidos”, mas todo o conjunto maior, incluindo figuras como Jaime Batalha Reis e Teófilo Braga. Compararíamos este conjunto com outros “círculos” históricos, como o de Weimer ao tempo de Goethe ou o de Dante com seus amigos juristas e poetas. Compararíamos, e isto valeria um estudo lateral se espaço houvesse, com o grupo que se chamou de Escola do Recife, em torno de Tobias Barreto, com o qual o germanista Antero teve sem dúvida pontos de semelhança.

Vale deter-se um instante sobre a posição de Antero do Quental dentro de sua geração. Em um grupo onde se cultivaram praticamente todos os gêneros literários, Antero não fez romance, nem historiografia propriamente dita (salvo, talvez, no estudo sobre a *Decadência*), nem

crítica literária, ao menos como trabalho sistemático: publicou panfletos, tratou de filosofia, especialmente filosofia da história e da política; fez poesia primeiro como conclamação histórica e depois como cristalização e desabafo⁵. Antero encarnou a consciência histórica que, em sua geração, era um sentimento de identificação e de diferenciação: identificação com os problemas históricos de Portugal, e diferenciação diante dos velhos estilos. Os velhos estilos eram os padrões que Castilho teve a má sorte de personificar, e os problemas históricos eram os que desde Herculano se colocavam.

Aqui cabe uma referência a Herculano. O autor da *Harpa do Crente* era, juntamente com Garrett, dos pouquíssimos nomes respeitados pela irreverência da geração dos "Vencidos". Mais: há uma visível e relevante influência de Herculano em certos textos de Antero⁶. Também Herculano se interessou por Proudhon, sem embargo de seu liberalismo, que Oliveira Martins considerava kantiano⁷.

Sem a maciça paciência historiográfica de Oliveira Martins, sem o constante humor de Eça e portanto sem sua benevolência (e apesar de alguns momentos de *espírito*), Antero do Quental era um concentrado, um inquieto, de uma inquietação que inclusive produziu a descontinuidade de sua obra e talvez a heterogeneidade de seu modo de escrever. Insisto na observação de que Antero assumiu por dentro a consciência histórica de seus contemporâneos e coetâneos: Joel Serrão escreveu que ele "desfraldou a bandeira de alforria de sua geração"⁸.

Uma geração que, confusa embora resolutamente, tomava leituras desencontradas (mais uma semelhança com o caso da "Escola do Recife"): desencontradas e lacunosas, com frequência fruto de um autodidatismo pelo menos parcial, com lados negativos e positivos⁹.

Antero múltiplo, talvez Anteros

Confusa e resoluta, disse acima sobre sua geração. Digo de Antero também, e vale acrescentar: hesitante e obstinado. Diria que diversos Anteros conviveram dentro do homem que se chamou Antero Tarquínio do Quental. Vejo nele algo de um Nietzsche, pela absoluta sinceridade e pela angústia sempre transcendida pela palavra e ainda pelo *amor fati*; e algo de um Tolstoi, meio literato meio pregador. Hesitante entre a metafísica e a ciência, entre a ação e a teoria, entre Portugal e o universo, Antero teve sem dúvida vários *momentos*. Iberista, lusista, ibero-americanista, segundo preocupações específicas¹⁰. Amante da Alemanha, entusiasta do espírito germânico, e entretanto afirmando que a Revolução, a Revolução de seus sonhos, seria a realização da própria latinidade¹¹. Socialista sempre, mas também crente no valor

fundamental da liberdade. Hegeliano de certo modo, marxista segundo alguns, proudhoniano para a maioria. Hipersensível, vulnerável diante das mudanças da atmosfera, e certamente em face dos tropeços da vida também.

O hegelianismo de Antero tem sido discutido. Admitiu-o em artigo recente Ferreira de Brito, estudando as relações do pensador português com os modelos europeus. Joel Serrão o admitiu com ressalvas, também em artigo recente¹². Sabe-se que Antero leu Hegel em francês, na tradução de Véra, e talvez tenha depois cotejado com esta os textos originais, como fez com Goethe e com outros autores alemães depois que estudou com Wilhelm Storck o idioma tedesco. No célebre estudo sobre as "Tendências Gerais da Filosofia na segunda metade do século XIX", publicado inicialmente na famosa *Revista de Portugal*, a influência de Hegel se acha visível nas alusões ao "espírito da época", por exemplo, e igualmente em certas referências a períodos da história do pensamento. Há inclusive uma página que revela aquela influência e que a meu ver antecipa notavelmente Spengler. Trata-se da passagem onde se diz que há em cada época uma "obscura concordância" que liga entre si os pensadores e as escolas de um mesmo contexto, mesmo que expressamente conflitem: cada civilização, observa Antero, possui uma "metafísica latente", que às vezes não se percebe e se encontra *insentida*, atuando sobre as formas históricas da respectiva época¹³. Naquele estudo de Antero, a própria filosofia, com a qual ele revê as tendências da filosofia de seu tempo, se entende implicitamente como uma consciência de estar numa época, de estar situado em um marco histórico, pensando com ele, e, ainda que para além dele, através dele.

Antero socialista: a meu ver, proudhoniano. Marxista talvez por um momento, ao aderir à idéia da "Internacional" e tentar reunir forças operárias em seu país, conspirando, projetando, vivendo o que no século XX se chamaria uma *práxis*. Considerou-o como marxista o professor Luís Washington Vita, insistindo sobre tais aspectos e adotando um tanto tacitamente o discutível princípio segundo o qual ser socialista é ser marxista¹⁴. Considerou-o proudhoniano António Sérgio, em excelente artigo publicado na revista brasileira *Anhembí* em 1952¹⁵.

Diante do assunto vale lembrar que, naquele tempo, a importância de Proudhon era muito grande; não a havia ainda eclipsado a influência de Marx. Um contemporâneo, o anticomunista Alfred Sudre, alude a Proudhon como o mais influente teorizador do socialismo — isto em um livro escrito em 1848¹⁶. Também vale lembrar que Antero leu muito mais Proudhon, o desigual e contraditório Proudhon, do que leu Marx: a insistência anterior sobre a "Revolução" relacionando-a paradigmaticamente com a "justiça", era um reflexo do proudhonismo, como

o era a idéia da verdade e da história como verdadeiras instâncias morais, tal como se acha em certas páginas do pensador português¹⁷.

Romantismo e consciência histórica

Contradições de grande porte, mas também expressivas convergências, ocorreram com o advento do século XIX, e com a transição do clássico ao romântico. De certo modo tinha sentido o conhecido dito de Goethe segundo o qual o clássico era o sadio, e o romântico, o doente: a passagem ao Romantismo fez proliferarem os *ismos*, e com eles os conflitos sobretudo a consciência dos conflitos. A consciência histórica provinha da diferenciação e continha uma referência à diferenciação: o romântico sabia que era romântico na medida em que não queria repetir modelos (seria já o “sei que não vou por aí”, do Poema Negro); sentia a diferença como um caminho, como um destino. No Romantismo estava o nacionalismo, que, apesar do tom universalista das declarações-de-direitos, cresceu com a Revolução Francesa e com (ou após) Napoleão; estava o anarquismo e também o socialismo, e ainda o liberalismo, e igualmente o conservadorismo. Estavam as formas de pensar que depois se chamariam “ideologias”. Os prenúncios de uma possível decadência, ou ao menos os sinais da crise, se achavam dentro do processo que criou no Ocidente amadurecido uma consciência histórica: o acúmulo de material histórico e de informação etnográfica levaria à teoria das “ciências sociais”, formuladas primeiro como *sociologia* por mão de Comte e depois como *Geisteswissenschaften* por mão de Dilthey. E se um tanto de conservadorismo esteve no contexto em que se criou a sociologia — conforme opinião de Spaemann entre outros¹⁸ —, também, o liberalismo o esteve, inclusive por conta de Spencer, aliás dos ingleses em geral, os dois Mill inclusive.

De certa forma, o Romantismo foi uma fermentação. Entretanto, Carl Schmitt, em seu livro sobre o Romantismo político, explicou o Romantismo como ocasionalismo. Para Schmitt, o homem moderno, afastando-se de Deus, colocou em seu lugar uma série de coisas alternadamente adotadas: o Estado, a história, o povo ou mesmo o sujeito individual. O Romantismo, no caso, teria divinizado o indivíduo. E do mesmo modo que na filosofia de Malebranche o mundo aparece como mera “ocasião” para a ação de Deus; no Romantismo o mundo seria mera ocasião para a expressão do sujeito¹⁹. A fórmula do grande pensador político alemão é sugestiva, mas no romantismo não houve apenas o culto ao sujeito individual: foi romântica, também, a exaltação da comunidade, a da história e a do Estado. Sempre expressões da secularização cultural e da crise da religiosidade. O Romantis-

mo recolheu a secularização, mas debruçou-se sobre o passado, que ela "superava", e tentou de algum modo salvá-lo. Eis uma de suas antinomias.

Às contradições e às convergências do movimento romântico cabe acrescentar que nele atuaram idéias ostensivas e crenças implícitas. Falo em idéias e crenças no sentido da conhecida distinção de Ortega. O Romantismo ensejou o surgimento do chamado Realismo, nascido da ciência e do evolucionismo, produtos de uma fé que não era mais o racionalismo dos clássicos; ensejou o historicismo, e também o cientificismo, este também uma fé. Idéias expressivas e crenças condicionantes, cabendo incluir entre estas crenças o sebastianismo latente, que em Portugal ressurgiria ao tempo de Antero, dentro da adesão de Oliveira Martins à monarquia. Sempre me pareceu, permito-me anotar aqui, que o fosso entre o Classicismo e o Romantismo foi maior do que a diferença entre o romantismo e os *ismos* que se lhe seguiram, e que vieram de seu bojo²⁰.

A geração de Antero, que de certo modo foi *ainda* romântica, se fez anti-romântica por ser já "realista", lida em Taine e em Flaubert. Nela se juntaram o culto do passado e a mística da nacionalidade com o amor enfático pela ciência.

A consciência histórica nas "conferências" e na obra posterior de Antero

O momento mais destacado dentro das exposições históricas sobre Antero do Quental e sobre o grupo literário que integrou foi talvez a programação e parcial realização das "Conferências do Cassino Lisbonense". Antero ainda jovem, com amigos jovens, programou as conferências, chamadas *conferências democráticas*, a serem feitas por vários autores como expressão de um ponto de vista novo, um ponto de vista que seria um repúdio às rotinas intelectuais vigentes, e ao mesmo tempo um reexame de problemas fundamentais. Antero vinha sendo desde cedo um divulgador de Proudhon entre seus companheiros, assimilando ele próprio a temática proudhoniana e vivendo também pessoalmente as indecisões do pensador francês, realmente contraditório, realmente grande e frágil²¹.

As primeiras conferências, de maio de 1871, em que Antero tratou de assuntos já esboçados em textos anteriores (inclusive na carta a Castilho, "Bom Senso e bom gosto", e no opúsculo sobre "A dignidade das letras e as literaturas oficiais") provocaram, como se sabe, a proibição da série.

Os escritos de Antero, à época, revelam uma retórica brilhante e um espírito ousado, um espírito com grandes pretensões, onde a criatividade latente já se apresenta com toda a força.

O que quero assinalar é a presença de uma referência central ao *seu tempo*, nas conferências feitas então — especialmente o notável estudo sobre a decadência dos povos peninsulares —, e no próprio ideário que presidiu à programação das conferências. A mesma referência se acentua e se amplia em uma obra que Antero iniciou em 1872 e que consta ter sido destruída pelo autor em 1875: o “Programa para os Trabalhos da geração nova”, lastimavelmente perdida apesar das diversas alusões que ficaram a respeito de várias partes que chegaram a ser redigidas. Ali, Antero colocaria sua completa visão filosófica sobre as idéias e instituições. Percebe-se, na estruturação e no sentido da obra, algo muito peculiar ao século XIX: a proposta de revisão geral da sociedade, com revisão do pensamento e das atividades concretas.

Na verdade, Antero foi um eclético: não poderia deixar de sê-lo, e o termo vai aqui sem a menor conotação negativa. Sua cosmovisão incluía um enorme desejo de síntese, como o que se explicitou na parte III do ensaio sobre as “Tendências Gerais da Filosofia na segunda metade do século XIX”: uma síntese que seria, em suas palavras, ao mesmo tempo “realista e transcendental”²². Tal síntese acolhia de algum modo o evolucionismo, calcado sobre um conceito abrangente de evolução — uma evolução que lhe parecia ser o denominador comum entre Hegel, Schelling, Comte e Spencer, e que talvez antecipasse Bergson na idéia de uma evolução não materialista²³. Antero, entretanto, oscilou angustiadamente entre o cientificismo e o espiritualismo. Contestava em certo passo a idéia de uma *necessidade* em história, aludindo com isto à doutrina hegeliana, expressamente mencionada; contudo extasiava-se com os progressos das ciências da natureza, inclusive com o transformismo, e designava em termos entusiásticos o positivismo de Comte, de Spencer e de Taine²⁴. Creio que dentro do espírito de Antero se delineou de algum modo a consciência da precariedade e da provisoriade que são o preço histórico do advento da crítica, no plano filosófico, e da liberdade no plano político. O kantismo e o liberalismo, frutos do racionalismo iluminista, ensejariam sempre mais crítica e mais debates; mas as velhas seguranças, as velhas estabilidades se foram, suplantadas pelos *ismos* e pelas instáveis modernidades sucessivas. A política, que desde Maquiavel e Hobbes se entendeu como obra humana, não como disposição natural ou divina das coisas, passou no século XIX a considerar-se como função de estruturas sociais e fatores concretos: os *ismos* giraram em torno disto e os debates recavaram as bases de tudo isto.

Na enorme angústia que nascia das hesitações, Antero assumiu a consciência de seu tempo, da Europa e de seu país: para ele a noção de

Revolução era o próprio centro das questões de seu século. Em geral se afirma que a Revolução — exemplarmente a Francesa, amplamente “liberal”, com freqüência dita burguesa — foi condenada pelo Romantismo, movimento conservador (tratamos disto algo acima); e Antero, a meio entre várias linhas de força, assumiu a idéia de Revolução a seu modo, com um profundo sentimento de historicidade que ia além dos pragmatismos e das estratégias²⁵. Aquele profundo sentimento que fazia de seu humanismo algo mais vivo do que as referências eruditas — sem demérito destas — e que se alimentava de um entranhado amor ao próximo; uma espécie de cristianismo implícito, que um contemporâneo qualificou de budista, mas que era algo de específico. Um cristianismo revisitado, dir-se-ia, pelo invés do conceito contemporâneo de revolução. E daí sua frase muito oitocentista e muito vigorosa se bem talvez algo ingênua: o cristianismo foi a revolução da antigüidade e a revolução é o cristianismo dos tempos modernos²⁶.

A frase se completa em outra, que se lê na célebre *Nota* posta ao final das Odes: “Revolução é o nome que o sacerdote da história, o tempo, deixou cair sobre a frente fatídica do nosso século”²⁷. Sempre a alusão ao seu século como ocasião madura e definitiva para a essencial transformação das sociedades. Na mesma nota, perto do final, se encontra este outro texto: “Reconstrução do mundo humano, sobre as bases eternas da Justiça, da Razão e da Verdade, com exclusão dos reis e dos governos tirânicos, dos deuses e das religiões inúteis e ilusórias”. A crença em parâmetros *eternos*, que se diria platônica, coloca-se acima das religiões históricas paralelas às tiranias, mas é uma crença que radica e ancora em um tempo concreto — o século XIX. Para Antero, não teria sido por acaso que em seu século confluíram o ideário de Renan e o de Proudhon, a obra de Taine e a de Littré, o pensamento de Feuerbach e o de Büchner: todos estes autores, por sinal, citados ao fim da mesma nota, com expressa referência à Alemanha e à França²⁸.

Digressão sobre a teoria da história

Gostaria de mencionar outra vez a heterogeneidade estilística dos textos de Antero: frases curtas e entrecortadas nos escritos de exortação política, períodos longos e ponderados nos estudos filosóficos, principalmente no extenso e fundamental ensaio sobre as tendências da filosofia na segunda metade do oitocentos. Antero atraído pela ação e pela pregação social, ou mergulhado em leituras pesadas e meditações rigorosas.

Podemos observar que a leitura de Hegel, que faltou a Tobias Barreto e que teria auxiliado suas enormes potencialidades especulativas, fa-

voreceu no caso de Antero uma visão especialmente compreensiva da história. Mencionei sua alusão ao espírito de cada grande período histórico, solidária e caracterizantemente perceptível em cada grande expressão situada no tempo. Também caberia observar que em Antero, apesar das semelhanças com Tobias, houve um pouco mais de concentração temática, inclusive em torno do problema do socialismo, que ocupou atormentadamente o espírito do pensador de Ponta Delgada durante muito tempo: dentro daquele problema se encontrava o grande ideal da Revolução, também mencionado. Em determinado trecho das "Tendências Gerais", ele escrevia que o progresso consistia na criação de uma ordem racional e no "alongamento indefinido do domínio da justiça".

A junção da racionalidade com a justiça dentro da noção de progresso se acha na mesma linha que a idéia, cara à primeira geração do Romantismo alemão, de um caráter moral e jurídico da história: *Weltgeschichte ist Weltgericht*.

No esforço enorme para entender o seu tempo, Antero tentou assumir em seu pensar a própria convergência de diretrizes distintas, a seu ver complementares e expressadoras das mais representativas linhas do espírito moderno. A história seria justamente isto, o próprio prosseguir destas linhas e o próprio convergir das diretrizes. Isto, e mais o seu correlato social, com a Revolução e o Socialismo não como resultados casuais ou gratuitos do longo curso das coisas, mas como fruto de urgentes e maduras tomadas de consciência.

Parágrafos conclusivos

Do meio dos pedaços descontínuos da obra de Antero, escrita com intenso sentimento e sofrida sinceridade, pode-se tentar retirar as linhas de um pensamento filosófico. Como disse, suas reflexões giram sobretudo em torno da consciência de estar em dado tempo, de situar-se com sua geração dentro do século XIX. Dentro de seu tempo, Antero recolhe e assume a conjunção do materialismo e do espiritualismo — chega a falar em "um materialismo idealista" —, do evolucionismo e do socialismo, do positivismo e do criticismo.

Para pensar-se em uma *filosofia política* a partir dos textos de Antero, parece necessário enfatizar o caráter central do conceito de justiça, colocado pelo pensador como valor primacial, e do de Revolução, entendido por ele como meta histórica decisiva e como solução maior dentro de seu tempo. Não se deteve Antero, infelizmente, diante da aporia que perseguiu as grandes teorias da revolução do seu século

(inclusive marxista): a Revolução como momento inexorável dentro do curso da história social, e ao mesmo tempo como obra da vontade organizadora dos homens, conscientes de um desiderato.

De qualquer sorte, continuam pulsando como coisas vivas os seus textos, com suas fecundas sugestões. Antero sentiu por certo, em seus anos finais com seus freqüentes períodos de depressão, o contraste entre a necessidade de crer na substância humana, implicada nos seus ideais de reconstrução social, e o lastro da descrença contemporâneo, agravada pelo efetivo desaparecimento da bondade e da pureza, destruídas inclusive pelos valores do capitalismo e pelas modernidades instáveis. Antero quis a vivência filosófica do espírito, mas recusando a metafísica, embora ela estivesse presente dentro de seus dualismos; quis a compreensão histórica das coisas, mas sem o conservadorismo; quis a liberdade e o progresso, mas com o socialismo e a fraternidade. A filosofia como fenômeno histórico e como consciência histórica, a consciência como instância essencial dentro do humano. O parcial e recorrente hegelianismo de Antero poderia estar em uma especial e peculiar *acumulação* não necessariamente dialética, em que se sobrepõem e se fundem o racionalismo, o romantismo, o socialismo e o evolucionismo como verdadeiros “elementos” e como componentes de um anelante *credo* histórico-social. O legado filosófico do Ocidente, entendido em termos de integração conceitual, recebeu em sua consciência uma refração especial, condicionada por sua equação pessoal e pelo espírito de sua geração, mas também pelos dados da cultura portuguesa — mesmo com as figuras que combateu e com os traços que recusou, porque ele tinha relações com aquelas figuras e era prosseguimento desses traços.

Li no “Diário de Notícias” de Lisboa, número de 11 de 1991, a expressão “Um mestre do desassossego”, empregada para aludir a Antero. E o desassossego foi de fato a grande constante de sua vida, até o dia em que se suicidou perto de uma placa com a palavra “Esperança”. Ai se terá cumprido o que dizia seu célebre soneto:

“Na mão de Deus, na sua mão direita,
descansou afinal meu coração.”

Creio que Deus terá precisado das duas mãos para receber, inteiro, o coração de Antero.

Notas

1. Algumas indicações sobre o século XIX no livro de V. DE SÁ, *Perspectivas do Século XIX*, Ed. Portugalia, Lisboa, 1964, pp. 33ss.

2. Cf. V. DE SÁ, *Perspectivas*, cit., pp. 197ss. Cf. também pp. 202 e 235.

3. W. PINDER, *El problema de las generaciones en la historia del arte de Europa*, trad. D. J. Vogelmann, Ed. Losada, B. Aires, 1946. E o conhecido texto de ORTEGA Y GASSET, “La idea de las generaciones”, em *El tema de nuestro tiempo*, 6ª ed., Col. Austral, Espasa-Calpe, B. Aires, 1947.

4. F. DE FIGUEIREDO, *Antero* (Conferências no Departamento Municipal de Cultura de São Paulo), São Paulo, 1942, pp. 44 e 45.
5. Cf. "Apresentação" de A. C. MONTEIRO, na Antologia de Antero, *Poesia e Prosa*, Col. Nossos Clássicos, Ed. Agir, Rio de Janeiro, 1957. Figuras como Antero podem servir de alvo para os que se comprazem em rotular, e também (já aí algo mais sério) para uma possível distinção entre "filósofo", "pensador" e "agitador de idéias".
6. Sobre a importância da influência inicial de Alexandre Herculano sobre Antero, ver a Apresentação de J. SERRÃO às *Prosas Sócio-Políticas* de Antero do Quental, Col. Pensamento Português, Ed. Imprensa Nacional, Lisboa, 1982, pp. 16ss. Assunto contíguo seria o do respeito de Antero por GARRETT, de quem escreveu ter sido "um grande nome criado por uma grande obra" (cf. Apêndice de "A dignidade das Letras e as literaturas oficiais", em *Prosas Escolhidas*, Ed. Livros de Portugal, Rio de Janeiro, 1942, p. 71).
7. Sobre a influência de Herculano sobre Oliveira Martins, cf. J. A. SARAIVA, *Para a História da Cultura em Portugal*, volume I (Publicações Europa-América, 4ª edição, 1972), pp. 248ss., 258ss. Sobre Kant e Herculano, rápidas palavras à p. 259. Ver também A. J. SARAIVA, *Herculano e o liberalismo em Portugal*, Lisboa, 1949. O pronunciamento de Herculano sobre Antero se acha no escrito "A Supressão das Conferências do Cassino", datado de 1871 e inserido em *Opúsculos*, Tomo I, Ed. Bertrand, Lisboa, 1873.
8. J. SERRÃO, loc. cit., p. 20. Será sem dúvida um tema valioso analisar a imagem que de Antero possuíram seus contemporâneos, sobretudo através dos depoimentos coligidos no volume *In Memoriam* (Porto, Ed. M. Lukan, 1896), onde se encontram testemunhos sobre seu talento, suas indecisões, seu temperamento, seus sonhos e suas doenças. Eça de Queiroz, por exemplo, considerava como traços essenciais no amigo a "abstração filosófica", dentro da qual seu espírito *vivia plenamente*, e "um não sei quê de antiquado e de estreitamente fidalgo" (*In Memoriam*, p. 502). Teria sido talvez, aquele fundo "fidalgão" de Antero, relação com suas alusões favoráveis ao medievo, contidas em alguns dos parágrafos iniciais das "Causas da Decadência".
9. Os testemunhos sobre aquelas leituras se acham na correspondência entre Antero e seus amigos (Batalha Reis e Oliveira Martins inclusive). Acham-se também em lembranças pessoais inseridas no *In Memoriam*. No livro *Anthero*, de F. DE FIGUEIREDO (op. cit.), transcreve-se uma interessante carta de Raimundo Capela a Henrique Chaves sobre a figura e as leituras de Antero (pp. 153-163). Lia-se muito Michelet, Proudhon, Renan e Taine. Antero valorizou altamente Vacherot, lido também aliás, cabe anotar, por Tobias Barreto.
10. Sobre as preocupações iberistas de Antero, cf. V. DE SÁ, *Antero do Quental* (Edição do Autor, Braga, 1963); pp. 189ss. (princ. 211ss.). Sobre seu lusismo, *Prosas Escolhidas*, op. cit., pp. 155ss., 161ss., 172. Cf. também F. DE FIGUEIREDO, op. cit., pp. 35, 36 e 127.
11. Sobre Antero e a Alemanha, há no *In Memoriam* (op. cit., pp. 385ss.) importantes páginas de C. Michaelis de Vasconcelos, inclusive para o que tange ao contacto do poeta com a língua alemã. Sobre o "gênio germânico" e o "gênio latino", cf. *Prosas Escolhidas*, op. cit., p. 174 (trecho final do estudo sobre a "Filosofia da história literária portuguesa").
12. Ambos os artigos se estamparam no *Diário de Notícias* de Lisboa, n. de 12 de maio de 1991 (pp. 3 e 8). A carta de Antero a Wilhelm Storck continua sendo fonte das referências do poeta à influência da leitura de Hegel (cf. transcrição em L. TEIXEIRA, *Vida de Antero do Quental*, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1942, pp. 55ss.). A "carta autobiográfica" fora divulgada, creio que pela primeira vez, na edição de 1892 dos *Raios de extinta luz* (Lisboa, M. Gomes livreiro-editor), edição organizada por Teófilo Braga. Um tema vizinho a este há de ser certamente o da influência de Eduardo von Hartmann, com sua teoria do inconsciente e com seu pessimismo, sobre o espírito de Antero. O assunto foi tratado magistralmente em dois eruditos artigos por J. DE CARVALHO (cf. *Obra Completa*, Fundação Calouste Gulbenkian, Volume I, Tomo 1, 1978, pp. 409ss.; volume I, Tomo 2, 1981, pp. 109ss.).
13. Por minha conta o grifo em *insentida*. O texto citado corresponde à *Revista de Portugal* (Porto, Ed. Lukan e Genelioux), volume 2, pp. 7 e 8. Cf. *Prosas Escolhidas*, op. cit., p. 235. Antero fez, porém, ressalvas ao hegelianismo, considerando-o "dogmático" e fechado (cf. *Revista de Portugal*, n. 2, pp. 149ss.).
14. L. W. VITA, *Antero do Quental*, Rio de Janeiro, 1961, passim. Cf. também, sobre o assunto, F. DE FIGUEIREDO, *Anthero*, cit., pp. 215ss.
15. A. SÉRGIO, "Sobre o caráter do Socialismo de Antero", em Anhembi (São Paulo), ano II, n. 21, volume 7, agosto 1952. Cf. ainda, em sentido análogo, V. DE SÁ, *Antero do Quental*, citado, pp. 173ss. Trata-se de um escritor marxista que escreve, entre outras coisas, que "além de que a sua posição de idealismo filosófico era incompatível com o materialismo dialético, Antero não podia ser marxista até porque não teve senão um conhecimento muito superficial de Marx e Engels" (p. 292).
16. A. SUDRE, *Histoire du Communisme, ou, Réfutation historique des utopies socialistes*, 4ª ed., V. Lecou, Paris, 1850, cap. XIX, pp. 383ss.

17. Este "eticismo" anterior é sempre referido pelos autores que o vinculam a Proudhon. A. SÉRGIO (loc. cit.) prefere dizer que o socialismo de Proudhon e o de seu conterrâneo eram "da mesma família". Sobre as alusões de Antero à verdade e à história como categorias morais, cf. *Prosas Escolhidas*, cit., pp. 33, 96, 97. Um tema interessante dentro do "eticismo" de Antero terá sido seu artigo sobre o *Syllabus*, ou seja, a "Defesa da Carta Encíclica de S.S. Pio IX contra a chamada opinião liberal", onde o pensador elogiava a coerência do Papa e condenava a atitude dos que queriam conciliar a Igreja com o liberalismo: para ele a Igreja cairia historicamente, mas devia cair com coerência. Há quem deduza daí que o pensamento de Antero seria no fundo conservador: é o que se sucedeu com António Sardinha, em artigo inteligente, mas inaceitável, onde o autor das *Odes* aparece como intuicionista, anti-racionalista e antidemocrático (A. SARDINHA, "A dor de Antero", em *Ao Ritmo da Ampulheta*, Lisboa, 1978, pp. 182ss.). Na verdade, Antero compreendeu *avant la lettre* o problema da secularização histórica, a partir dos componentes iluministas de sua formação. Como se sabe, Proudhon foi condenado pelo Tribunal Correccional de Paris; e um indignado refutador de suas idéias, Huard, tomou a sentença, com a respectiva exposição de motivos, como prefácio de seu livro (A. HUARD, *De l'Injustice dans la Révolution et de l'ordre dans l'Eglise. Principes généraux de Philosophie pratique. Réfutation de P. J. Proudhon*, Ed. Lebigue-Duquesne, Paris, 1858).

18. Com especial referência a De Bonald, esta é a idéia do livro de R. SPAEMANN, *Der Ursprung der Soziologie aus dem Geist der Restauration*, (Ed. Kösel, Munique, 1959).

19. C. SCHMITT, *Politische Romantik*, ed. ital. *Romanticismo Politico*, trad. C. Galli, Ed. Giuffré, Milão, 1981, p. 21.

20. Sobre os conceitos de clássico e de romântico, sob o prisma de suas potencialidades retóricas, cf. C. PERELMAN e L. OLBRECHTS-TYTECA, *Traité de l'Argumentation* (Ed. da Univ. de Bruxelas, 5ª edição, 1988), pp. 128ss.

21. Cf. V. DE SÁ, *Antero do Quental*, cit., pp. 125ss. Ver também H. CIDADE, *Portugal Histórico-Cultural*, Ed. Progresso, Salvador, 1958, pp. 163ss.

22. "Sendo síntese, será conciliação; e todas as grandes correntes do pensamento filosófico do nosso século se acharão igualmente representadas nela, cada uma por aquilo que tem de legítimo" (*Revista de Portugal*, n. citado, p. 303; cf. *Prosas Escolhidas*, op. cit., pp. 304-305). O texto se acha também no recente livro de A. M. MOOG RODRIGUES, *Antero do Quental*, Ed. Verbo, Lisboa/São Paulo, 1990. Sobre o otimismo e o pessimismo no pensamento de Antero, v. o artigo de F. CATROGA em *Jornal de Letras, artes e idéias* (Lisboa, n. 466, 17 de junho de 1991).

23. "A minha doutrina da evolução é extremamente simples e lógica e funda-se toda numa única idéia metafísica, o devenir: daí vou deduzindo certas leis culminantes, que definem a evolução, considerando o Cosmos que nós conhecemos e a sua evolução tal como a ciência a tem explicado, como um mero exemplo, um exemplar entre milhões e bilhões (até ao infinito) onde se revelam as leis fundamentais do *devenir*". Entretanto, escrevia também Antero: "Ai da filosofia que não sabe satisfazer, ao mesmo tempo, a razão dos lógicos, a alma dos poetas e o coração dos fortes!" (Carta a Oliveira Martins, transcrita na parte final do *In Memoriam*, op. cit., pp. VIII e VII). Há também um resumo da cosmovisão de Antero em uma carta a Batalha Reis, transcrita na antologia organizada por A. M. MOOG RODRIGUES, acima citada.

24. *Revista de Portugal*, n. 2 (cit.), pp. 152, 155, 164; *Prosas Escolhidas*, cit., pp. 176, 255, 258, 269.

25. Sobre a peculiaridade do ideário anterior, F. DE FIGUEIREDO, op. cit., pp. 34 e 127.

26. É a frase final da conferência sobre as causas da decadência dos povos peninsulares: cf. *Prosas Escolhidas*, cit., p. 142. Por outro lado, Antero afirmava que a Revolução era a própria ciência, a ciência "aplicada a todas as esferas da atividade humana, e feita vida" (*Prosas Escolhidas*, p. 175): justo a ciência de seu tempo, o saber científico de seu século, entendido como força transformadora. Ainda iluminismo.

27. Cf. *Prosas Sócio-Políticas*, op. cit., p. 195. Este tema foi, como se sabe, o das *Odes*, onde o Antero jovem falava da história, do ideal e da liberdade (*Odes Modernas*, Ed. Ulmeiro, Lisboa, 1989). Permito-me recordar um breve estudo que escrevi em 1969 sobre o pensamento histórico de Antero, enfatizando sua percepção da vocação de seu tempo para a crítica e a historiografia ("A filosofia social e da história em Antero do Quental", em *Temas de História e Política*, Ed. UFPE, Recife, 1969).

28. *Prosas Sócio-Políticas*, cit., p. 202. Os nomes figuram em uma nota com asterisco, que parece mais uma anotação para uso posterior. Em sua concisão, o breve texto revela a enorme hesitação de Antero diante dos diversos caminhos, dos temas e dos autores a tomar.

Endereço do autor:

Estrada do Arraial, 2312/01
52051-380 — Recife — PE